

RECADO DE PARIS

Paris, julho — Consolem-se os nossos jovens poetas que não encontram editor: na França também é assim. Hugues Couras torceu várias editores importantes para saber como se dá a poesia do ponto de vista... editorial. O diretor da "Stock" confessou que apenas reedita os velhos e ainda rendosos poetas da casa — como Gerald e Marie Noel. Quanto aos novos: "não editamos nenhum, sistematicamente". O reporter perguntou o que será então dos poetas moços, e o diretor respondeu: "Oh! Ser poeta é ser feliz. A poesia é a felicidade, em si mesma. Ser editado é supérfluo..."

O diretor da editora Julliard disse que recebeu no ano passado apenas cinco ou seis originais de poetas, e não editou nenhum. Por que? "Porque não há mais poetas. Se eu tivesse encontrado, nesse grupo, um Valéry obscuro, eu o teria publicado sem hesitação". Aconselha os poetas a "procurar as pequenas casas editoras, que pertencem quase sempre a uma livraria ou a um mecenas; as grandes firmas têm uma organização demasiado pesada que não lhes permite fazer negócios tão lentamente rendosos como a publicação de versos".

O diretor da Grasset diz que "em princípio, não edita versos", embora tenha editado poemas de Mauriac no ano passado. Junta: "a renovação poética que se esperava depois da Libertação não veio. Comercialmente, a edição de poemas é mau negócio. A poesia tornou-se uma literatura acessória". E aconselha os poetas jovens a procurarem as pequenas revistas.

O diretor da "Correa" diz, com uma lógica "não desprovida de humor" que "a casa não edita mais poemas porque não tem mais coleção poética". Aconselha os poetas... a fazer obras primas. E afirma: "os poetas são um pouco responsáveis pelo estado de coisas. Proliferaram em demasia depois da Libertação. Esqueceram-se de que poesia é ao mesmo tempo o gênero mais fácil e o mais difícil".

Gallimard recebeu 99 manuscritos, editou 13. A editora Emile-Paul recebeu duzentos e não editou nenhum "porque nenhum apresentava um interesse suficiente para que, apesar da má venda certa pudessemos dignamente tentar a aventura". A casa Pierre Seghers recebe um manuscrito por dia, e todos são lidos. Só edita poesia; no ano passado editou 40 livros, em uma coleção barata. A editora Mercure da França não edita os poetas em livros, mas consola-os com sua revista. Seu diretor diz que os jovens poetas de hoje não têm, afinal de contas, menos "chance" que os de outrora. São demasiados sófregos de aparecer, não se lembram de que entre dois livros de Vigny vai o espaço de 20 anos. Sufere que todas as grandes casas editoras tenham uma revista literária para dar lugar aos poetas. "Há, em Paris, editores bilionários, quero dizer, que fazem anualmente negócios no valor de um bilhão de francos. Não me digam que essa gente não pode suportar as despesas de uma revista..."

Mais um consolo para os "moços" brasileiros: é mais fácil publicar um poema no Rio que em Paris, onde geralmente o jovem poeta tem de se contentar em aparecer em uma revistinha de fraca circulação e quase sempre efêmera; nenhum jornal nem revista de grande circulação publica versos...